

O BEM COLETIVO

74. IX. 58

No manifesto do «Centro Cívico Trabalhista Senador Alberto Pasqualini», que há dias comentamos, há uma frase merecedora de especial relêvo. «Nós todos, trabalhistas sinceros, queremos, acima de tudo, o bem coletivo, que também é o nosso».

É um conceito simples, quase diríamos intuitivo, o que aí se exprime; mas, apesar disto, esquecido e viciado, a cada passo, pela demagogia infrene. O de que se cuida é dos interesses particulares, sem a mínima atenção aos interesses gerais, como se uns se pudessem dissociar dos outros, como se uns pudessem subsistir, quando os outros viessem a soçobrar.

Assim, muito se fala nos interesses do trabalhador, por certo muito respeitáveis, mas se fala como se êles não estivessem ligados aos interesses gerais da economia, de que o trabalhador depende. O demagogo, por mais brônco, não ignora esta correlação, mas procede como se a ignorasse, porque, em verdade, não vê, não considera outro interesse, que não o do seu domínio.

O trabalhador, ainda que tardia e lentamente, já está começando a sentir os malefícios desta política criminosa, que em seu nome, nunca no seu interesse, se tem feito. Apesar da aparatosa e avançada legislação social, que para o proteger se tem feito, a sua situação econômica decai dia a dia. Ele vivia mais folgadoamente outrora, do que agora, que se acha aparentemente cercado de maiores garantias. Como se explica êste resultado paradoxal? É que outr'ora era o nosso o país da abundância; agora é o país da carência de tudo, graças ao avassalador desgoverno, que tudo vai pervertendo e parasitando. Que importa se prometam e se dêem vantagens especiais aos trabalhadores, se elas são tragadas pela ruína geral que a exploração mais desentranhada da cousa pública vai produzindo? «O bem coletivo é também o nosso» — adverte o manifesto. Desta verdade devem compenetrar-se todos os trabalhadores, a fim de não conceder fácil crédito aos que os exploram. Os trabalhadores são parte integrante da sociedade e, se esta padece e se desorganiza, êles também hão de sofrer como os outros, e mais, por certo, que os outros.

Só não sofrem os exploradores, os que se apresentam co-

mo protetores dos trabalhadores, porque a sua insultante prosperidade se faz à custa do trabalho e da miséria alheia. Não sofrem agora e, pelo contrário, aproveitam e gozam, mas um dia, talvez quando menos esperem, hão de receber o merecido e inevitável castigo.

E que isto não está longe, demonstra-o o manifesto com que se apresenta o «Centro Cívico Trabalhista Alberto Pasqualini». Passando vai o tempo de enganar os homens. De acordo com a advertência de Lincoln, os homens podem enganar-se todos, ao mesmo tempo, podem alguns enganar-se mais e uma vez, mas enganarem-se todos e sempre é impossível. E os enganados são vítimas da atroz demagogia que está arruinando êste país já começam a aperceber-se do engano.